



Revista de Políticas Públicas

ISSN: 0104-8740

revistapoliticaspUBLICASUFMA@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão

Brasil

Bezerra de Farias, Flávio
PARIS NA ERA DO IMPERIALISMO GLOBAL: o jornal, a rua e o supermercado
Revista de Políticas Públicas, vol. 19, núm. 1, enero-junio, 2015, pp. 17-39
Universidade Federal do Maranhão
São Luís, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321143201002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PARIS NA ERA DO IMPERIALISMO GLOBAL: o jornal, a rua e o supermercado

Flávio Bezerra de Farias

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

PARIS NA ERA DO IMPERIALISMO GLOBAL: o jornal, a rua e o supermercado

Resumo: O artigo faz uma análise crítica dos eventos parisienses recentes, em que jihadistas cometeram vários assassinatos num jornal, num supermercado e nas ruas, com fins terroristas, destacando tanto aspectos simbólicos e republicanos, quanto aspectos geopolíticos e de filosofia política.

Palavras-chave: Paris, terrorismo, imperialismo.

PARIS IN THE ERA OF GLOBAL IMPERIALISM: the newspaper, the street and the supermarket.

Abstract: A critical review of recent Parisian events, in which jihadists committed several murders in a newspaper, a supermarket, and on the streets, for terrorist purposes, highlighting both symbolic and republicans aspects, as geopolitical and political philosophy aspects.

Key words: Paris, terrorism, imperialism.

Recebido em: 01.03.2015 Aprovado em: 23.03.2015.

1 INTRODUÇÃO

Na cidade pioneira da utopia comunista moderna, aconteceu uma nova experiência histórica de natureza e dimensão mundial. De 7 a 9 de janeiro de 2015, ocorreram sucessivos assassinatos terroristas, na sede do jornal satírico *Charlie Hebdo* e nas dependências da mercearia judia *Hyper Cacher*, sem esquecer os tiros mortais em policiais de rua, na Grande Paris. De imediato, o filósofo e escritor italiano Umberto Eco (2015, p. 1) chegou a comparar os jihadistas da organização Estado Islâmico aos nazistas, sob o aspecto de terem um mesmo “[...] desejo apocalíptico de se apropriar do mundo [...]”, de modo que “[...] uma guerra está em curso e estamos mergulhados nela até o pescoço.” Embora tenha suas especificidades, trata-se de um crime fascista, por três razões, a saber:

Em primeiro lugar, tem um alvo, não de modo cego, porque sua motivação é ideológica, de caráter fascisante, o que quer dizer estritamente identitário: nacional, racial, comunitário, comportamental, religioso [...]. Neste caso, os matadores são anti-semitas. Frequentemente, o crime fascista visa publicistas, jornalistas, intelectuais ou escritores tidos pelos assassinos como representativos do lado oposto. Nas circunstâncias, o *Charlie Hebdo*. Em segundo lugar, ele é de uma violência extrema, assumida, espetacular, porque visa impor a ideia de uma determinação fria e absoluta que, de resto, inclui de maneira suicida a probabilidade de morte dos assassinos. É o aspecto “*viva la muerte!*”, o aspecto niilista, dessas ações. Em terceiro lugar, o crime visa, por sua enormidade, seu efeito surpresa, seu lado fora de norma, criar um efeito de terror e alimentar, por isso mesmo, do lado do Estado e da opinião pública, reações incontroladas, inteiramente fechadas sobre uma contradição vingativa, as quais, aos olhos dos criminosos e de seus chefes, vão justificar a posteriori, por simetria, o atentado sangrento. E foi isso o que aconteceu. Neste sentido, o crime fascista obteve uma espécie de vitória. (BADIOU, 2015, p. 1, grifo do autor).

Desde a *jornada histórica* de 11 de janeiro de 2015, com suas imensas manifestações populares contra os atentados fascistas, fui abordado por camaradas ludovicenses sobre *ser ou não ser Charlie*. A minha opinião resultaria tanto dos estudos anteriores relacionados com o tema, publicados em vários livros e artigos, quanto de toda uma vivência pessoal e profissional, pois, em vários períodos intercalados de ida e vinda, de 1977 a 2011, como professor da UFMA, realizei pós-graduação, desde o mestrado até o pós-doutorado, assim como várias estadias de professor visitante, em universidades parisienses. Tendo muitas vezes participado de eventos “[...] na Praça da República em Paris [...]”, poderia esclarecer, por exemplo, que nela não caberia “[...] num único ato [...]” a multidão de “[...] quase quatro milhões de pessoas [...]”, como afirmou o Reitor da UFMA, Natalino Salgado (2015, p. 5). Conforme noticiado exaustivamente na mídia, 3,7 milhões foi o número oficialmente estimado de pessoas que se manifestaram em toda a França (incluindo, aproximadamente, 1,5 milhões em Paris). A decisão final de escrever este texto foi muito motivada por correspondências recebidas de amigos franceses, todos profundamente consternados e indignados, especialmente o meu ex-orientador de tese, professor emérito da Universidade Paris XIII, Pierre Salama, judeu, nascido em Alexandria, no Egito, criado por um artista pintor e formado na herança tanto da laicidade de Voltaire, quanto do ateísmo de Marx. Sabe-se que não é a primeira vez, nem o único lugar em que o fanatismo brutal e sanguinário ataca, impiedosamente, o domínio da arte talentosa, da cultura universal e do pensamento crítico.

Esse tipo de tragédia não poderia ser abordada com imparcialidade por democratas liberais *construtores de nações*, como Bernard Henri Lévy que, recentemente, foi acolhido por uma manifestação hostil na Tunísia e, em seguida, expulso oficialmente do país por perturbar a *ordem pública*. Ele participaria de um evento sobre o caos na Líbia, que ele mesmo ajudou a criar, sob o pretexto de guerra humanitária. Assim, para outro democrata liberal,

[...] o fanatismo irracional e assassino não é monopólio do islã; floresce também em outras religiões, das quais não esteve excluída a cristã, embora – quem poderia negar? – aquele seja muito mais resistente à modernização do que esta foi, pois não experimentou ainda esse longo processo de secularização que permitiu à Igreja Católica se adaptar à democracia, ou seja, deixar de se identificar com o Estado. Tudo isso parece indicar que passará muito tempo até que os países árabes – um exemplo promissor, lamentavelmente único até agora, é o da Tunísia – adotem a cultura da liberdade. (LHOSA, 2015, p. 1).

Há a referência implícita aos velhos crimes do fanatismo cristão, inesquecíveis para um peruano, mas, há uma tentativa explícita de ignorar a atual situação de opressão imperialista, ao dar boas-vindas à *cultura da liberdade* a ser adotada nas formações socioeconômicas periféricas, cuja implementação passa inclusive pelo fomento indireto em dinheiro e armas a terroristas e pela intromissão direta da OTAN, que repetidas vezes realizou bombardeios terroristas contra as redações de sistemas de rádio e televisão, assassinando jornalistas e técnicos em Belgrado (1999), Trípoli (2011), Damasco (2012), etc.

Ao combater a lógica historicista islamofóbica de “[...] incluir os crimes *deles* contra nós e excluir os *nossos* crimes contra eles [...]”, Noam Chomsky sublinhou que

[...] nenhuma indagação do tipo na cultura ocidental e no cristianismo veio do ataque de 2011 de Anders Breivik na Noruega [que matou 77 pessoas] [...] Nem o ataque de mísseis pela OTAN em 1999 na sede de televisão Sérvia, que matou 16 jornalistas, desencadeou protestos [...] [fortes, como agora em Paris, inclusive] [...] foi louvado pelos oficiais norte-americanos [...], [sem esquecer] [...] o ataque de Israel em Gaza este verão [julho de 2014], cujas mortes incluem muitos jornalistas, e as dezenas de jornalistas em Honduras que foram mortos desde o golpe em 2009. (GERMANOS, 2015, p. 1).

Sobre os inúmeros atentados terroristas nos países periféricos,

[...] certamente que a diferença na reação não pode estar baseada na ideia de que a vida de europeus brancos, de cultura cristã, vale mais que a vida de não europeus ou de europeus de outras cores e de culturas assentes noutras religiões. (SANTOS, 2015, p. 1).

No caso em tela, cabe responder à clássica questão: quem tira proveito do crime terrorista perpetrado pelos jihadistas franceses? Diante dos desdobramentos específicos do fato histórico parisiense, no qual se afunila a política numa antinomia amigo *versus* inimigo, numa conjuntura propícia a ideologias totalitárias, será que se configura uma repetição da tragédia na qual, em fevereiro de 1948, o povo celebrou a República e, em junho, entrou em guerra civil? Na ideia geral de um filósofo francês,

[...] hoje o mundo está investido em totalidade pela figura do capitalismo global, submisso ao governo da oligarquia internacional e subjugado à abstração monetária como única figura reconhecida da universalidade. (BADIOU, 2015, p. 1).

Neste quadro, estaria se tornando realidade a distopia de guerra civil mundial? (SCHIMITT, 2008). Nessa hipótese,

[...] se os poderes públicos fossem responsáveis, eles enfrentariam esse fenômeno novo e tentariam apaziguar esta guerra civil mundial em vez de a alimentar através de uma política estrangeira maluca que age do mesmo modo de uma política interior. (AGAMBEN, 2015, p. 1).

Segue seu curso um contexto desesperador, caso

[...] o verdadeiro universalismo, a apropriação do destino da humanidade pela própria humanidade e, então, a nova e decisiva encarnação histórico-

política da ideia comunista, não tiver desenvolvido sua nova potência na escala mundial, anulando na sua passagem a servidão dos Estados à oligarquia dos proprietários e de seus servidores, a abstração monetária e, finalmente, as identidades e contra-identidades que assolam os espíritos e lhes chamam para a morte. (BADIOU, 2015, p. 1).

Para sair dessa conjuntura pessimista, mórbida e desprovida de subjetividade transformadora, este artigo recorre teórica e metodologicamente à crítica do imperialismo global (FARIAS, 2013a), sobretudo da sua política de potência e de sua doutrina guerreira securitária. De início, analisam-se os aspectos trágicos e farsantes; em seguida, os aspectos simbólicos e republicanos; enfim, os aspectos de filosofia política e geopolítica. Nessa trajetória, a antinomia entre o terrorismo jihadista e o terrorismo estatal será inserida no quadro do imperialismo global, que transtornou o ser social e histórico na pós-modernidade.

2 TRAGÉDIA E FARSA

Para abordar de modo engajado essa tragédia histórica, na busca de compreender e transformar a situação concreta, é preciso, desde logo, tirar as lições do recente crime fascista, analisar suas circunstâncias, identificar seus principais elementos, quais sejam: em primeiro lugar, vem, obviamente, a radicalização de um pequeno bando de marginais adeptos de uma ideologia sectária e suicida; em segundo lugar, vem a natural revanche da guerrilha regional e do jihadismo global da Al-Qaida e do Estado Islâmico, ora fomentados, ora bombardeados pelo imperialismo global; em terceiro lugar, vem a desastrosa estratégia intervencionista do sub-imperialismo francês, de Sarkozy a Hollande, na África e no Oriente-Médio (GUIGUE, 2015). Por que no bojo da jornada histórica de 11 de janeiro, veio um inédito desfile republicano oficial? Evidentemente,

[...] porque eles pretendem

combater hoje em Paris terroristas que eles apoiaram ontem em Damasco, os dirigentes da França acreditaram se refazer uma virgindade se misturando à multidão imensa daqueles que clamaram, sobre o calçamento de nossas cidades, sua recusa do ódio. (GUIGUE, 2015, p. 1).

Após a tragédia, Paris vale muito bem uma missa e uma farsa consensual, típica de pensamento único:

[...] bem-vindo no mundo da unanimidade decretada, e do malefício aos refratários [...] Mas, esta unanimidade sob injunção era sobretudo bem feita para que nela se intrometessem todos os tipos de recuperadores. (LORDON, 2015, p. 1).

Assim, a manifestação unanimista da jornada histórica de 11 de janeiro poderia causar danos à expressão democrática do dissenso, através tanto da escolha do muçulmano fanático como bode expiatório, encontrado facilmente nas trincheiras da *guerra das civilizações*, quanto da luta pela liberdade de expressão, obviamente referenciada nos princípios da democracia burguesa formal. O unanimismo foi tão grande que os provocadores franceses do *Charlie Hebdo*, mortais e esquerdistas, receberam a aprovação escancarada até de acadêmicos brasileiros, imortais e conservadores (SARNEY, 2015; SALGADO, 2015). Quanto ao resto, há apenas os fanáticos, os sectários, os tribalistas, etc. Na peça teatral *Huis Clos*, em que *o inferno são os outros*, o existencialismo francês

[...] quis mostrar, pelo absurdo, a importância, no nosso país, da liberdade, isto é, a importância de mudar os atos por outros atos. Qualquer que seja o círculo de inferno no qual vivemos, penso que somos livres para quebrá-lo. E se as pessoas não o quebram, é ainda livremente que eles ali permanecem. De sorte que se colocam livremente no inferno. (SARTRE, [19--?], p. 1).

Na base do Cone Sul que sustenta o Fim do Mundo, a liberdade existencialista foi tanta que o educador antirracista Hertz Dias (2015, p. 1) declarou: “[...] pelos olhos da História e pelo que os meus próprios olhos viram, eu não sou Charlie.” Mas, o mal educado fascista Jean-Marie Le Pen (2015, p. 1), revisionista da História, também declarou: *Je ne suis pas Charlie*, sem perder a oportunidade racista de vincular os *fenômenos terroristas* aos *fenômenos de imigração massiva*. Em termos ideológicos, não seria farsante haver concordância entre polos extremos? Seria isto simplesmente solidariedade extrema aos fanáticos religiosos que se sentem humilhados com as sátiras dos cartunistas? Para manifestar certo acordo com laicos, ateus ou agnósticos que porventura as julguem humilhantes, seria preciso chegar a tanto? O repúdio à hipocrisia do lado oficial do desfile de 11 de janeiro seria incompatível com a manifestação de solidariedade para com as pessoas assassinadas por fanáticos jihadistas? Para um escritor brasileiro,

[...] os dois extremos que se tocam, se reconhecem e se completam, compartilhando um mundo maniqueísta, reduzido ao medo, à paranoia, às imposturas fascistas e aos sofismas para explicar o que não é sempre tão simples... Um mundo para o qual vale a pena viver. É por esse mesmo direito que lutavam aqueles que estão mortos no atentado a *Charlie Hebdo*. Por um mundo que está sempre por um fio, ameaçado pela truculência dos que não suportam a inteligência, a diferença e a liberdade. Aqueles que não medem seus esforços para tudo reduzir às dimensões monocórdicas dos extremos, sempre em nome da promessa de um paraíso qualquer. (CARVALHO, 2015, p. 12).

Em compensação, não sendo *Charlie* a qualquer preço, um spinoziano francês achou racional, *sem a mínima contradição, se sentir ferido pela tragédia humana* ocorrida na sede do jornal, mesmo estando em *violento desacordo político* com ele, motivando, assim, a sua posição:

“Je ne suis pas Charlie.” (LORDON, 2015, p. 1). Esta mesma posição foi assumida por um historiador judeu, notando que

[...] o Ocidente esclarecido talvez não seja a vítima tão ingênua e inocente na qual gosta de se apresentar! Evidentemente, é preciso ser um assassino cruel e perverso para matar a sangue-frio pessoas inocentes e desarmadas, mas é preciso ser hipócrita ou estúpido para fechar os olhos sobre os dados nos quais se inscreve essa tragédia. (SAND, 2015, p. 1).

Assim, o escritor peruano, o democrata liberal Mario (liberdade) Vargas (igualdade) Lhosa (fraternidade) viu na tragédia uma oportunidade, pois “[...] reativaram as raízes democráticas da sociedade francesa [...]”, de um lado; e, do outro,

[...] devolveram a confiança da opinião pública no governo [...] Porém, a mais importante decorrência dos assassinatos cometidos pelos jihadistas em Paris talvez seja a volta das ideias à política francesa. (LHOSA, 2015, p. 1).

Dentre essas ideias, certamente destacam-se as liberais de John Stuart Mill (1990, p. 156) atinentes à pergunta sobre “[...] o que resta da liberdade de ofender [...]”:

[...] difícil, com efeito, defender a liberdade de expressão sem reconhecer a *plena liberdade de ofender*, aquela que a equipe dizimada de *Charlie Hebdo* tão bem praticou, satirizando crenças absurdas, preconceitos racistas ou xenofóbicos, sem jamais causar prejuízo concreto a quem quer que seja em particular (OGIEN, 2015, p. 13).

Entretanto, a *solidariedade com Charlie Hebdo* não deveria ocultar o prejuízo específico, decorrente do “[...] fato de representar de maneira caricatural o Árabe como um tipo um tipo físico perfeitamente reconhecível [...]”, inclusive como portador de bomba no seu turbante, de vestimentas bizarras, costumes imbecis, etc., um

dano persistentemente ignorado pela mídia na democrática liberal, que

[...] lembra aquilo que fazia a imprensa antissemita sob o nazismo, em que se tinha forjado, no mesmo sentido, um tipo físico do judeu. Caso se aplicasse hoje esse tratamento aos judeus, isto causaria escândalo. (AGAMBEN, 2015, p. 1).

Este autor se junta, então, aos que denunciam o uso de dois pesos e duas medidas no combate à discriminação na França, quando se trata de judeus ou de árabes. Sob a presidência de François Hollande, a França fez a escolha política de estreitar seus laços com a estratégia estadunidense-israelita no Oriente-Médio e ser tolerante com as retrógradas monarquias petroleiras que financiam o jihadismo, ao mesmo tempo em que a opinião pública é assediada cotidianamente por uma cobertura midiática, em geral, favorável àquela escolha. Pode-se dizer que a vontade republicana e laica de muitos franceses de manifestar o seu repúdio aos assassinatos fascistas, num quadro em que a população foi sem cessar pressionada pelo curso dos eventos, é infinitamente mais democrática do que a sua consciência que resta influenciada pelos preconceitos e pelas manipulações ideológicas dos profissionais da mídia e da política menor.

Enquanto isso, na antiga França Equinocial, o acadêmico Natalino Salgado (2015, p. 5) viu com bons olhos que, logo depois dos assassinatos terroristas, em defesa da democracia liberal, “[...] vieram as reações públicas e governamentais unidas num único ato [...]”. Porém, na própria manifestação *Je suis Charlie*, havia risco de que os fins de provocação profana não oficial do *Charlie Hebdo* se extinguísse diante da oficial e sagrada união nacional. Em geral,

[...] o risco seria de ver discursos periféricos se implantarem, numa cacofonia em que cada um afirmaria uma luta diferente. Isto apareceria como uma grande confusão. (OFFENSTADT, 2015, p. 1).

Neste sentido, surgiu uma farsa de mal gosto na rede social em que um confuso cronista social maranhense veste a camisa *Je suis Charlie Brown*. Por sua vez, o acadêmico Natalino Salgado (2015) usou a *arma da crítica contra a intolerância*; assim como o acadêmico José Sarney (2015, p. 1), que foi bastante contundente: “[...] a verdade é que o caso Charlie envergonha a humanidade.” Mas, não é só em quinta tropical, ornada com portal colonial, que o moralismo faz *florès* (sucesso). Também prolifera em sítios franceses, como ilustra o antigo adepto da *crítica das armas* Régis Debray (2015, p. 1): “[...] o deserto dos valores faz desembainhar os punhais.” Quando era teórico das guerrilhas no quintal estadunidense, o jornalista guevarista dissera: “[...] o termo «guerrilha», não esqueçamos, é uma invenção espanhola, nascida da resistência ao Império Napoleônico [...]” (DEBRAY, 2015, tomo 1, p. 99).

Para que a planta não esconda o quintal, a *infâmia* (LÖWY, 2015) fascista não deve ser apenas condenada moralmente, mas tem que ser abordada com a radicalidade engajada, compreensiva e transformadora (BLOCH, 1981), inerente aos pessimistas da razão e otimistas da vontade (GRAMSCI, 2001), de um lado; e, de outro, utilizando a dialética do concreto (KOSIK, 1978), apreender o fenômeno como concreto pensado (MARX, 1977), tanto nas suas aparências imediatas, quanto na sua essência oculta, sem esquecer as relações dialéticas entre esses dois momentos, inclusive nos seus desdobramentos subjetivos e objetivos, para não cair no fetichismo (estruturalista, anarquista, etc.) do processo sem sujeito revolucionário.

Foi com essa metodologia que o pensamento marxiano apreendeu a república democrática burguesa formal, condensada na divisa *liberdade, igualdade, fraternidade*, não como um modelo naturalizado e reificado, mas que seria ultrapassado radical e dialeticamente através da uma experiência histórica socialista voltada para a antecipação concreta de uma sociedade comunista –

[...] somente então o horizonte limitado do direito burguês poderá ser definitivamente superado e a sociedade poderá escrever sobre sua bandeira: de cada um conforme suas capacidades, a cada um conforme suas necessidades. (MARX, 1975, p. 16).

Diante dessas alternativas ideológicas de sociedade democrática,

[...] houve na França, há muito tempo, dois tipos de manifestações: as sob bandeira vermelha, e as sob bandeira tricolor. Creiam-me: no que concerne a reduzir a nada os pequenos bandos fascistas identitários e assassinos, que se reclamem das formas sectárias da religião muçulmana, da identidade nacional francesa ou da superioridade do Ocidente, não são as tricolores, comandadas e utilizadas por nossos dominadores, que são eficazes. São as outras bandeiras, as vermelhas, que é preciso fazer voltar. (BADIOU, 2015, p. 1).

Em compensação, usar a categoria *alostase*, num evidente abuso de analogia entre natureza, método e objeto de ciências completamente distintas, na reificação organicista do *processo democrático* (SALGADO, 2015), é se colocar livremente no círculo dos intelectuais orgânicos da burguesia que ignoram os enormes avanços científicos na abordagem crítica materialista e dialética dos Estados burgueses, iniciada com a crítica da análise hegeliana da Revolução Francesa (MARX, 1976), sintetizada pouco antes da Revolução Russa por Lênine (1973). Neste caso, as liberdades democráticas das massas exploradas, dominadas e humilhadas não são mais identificadas de maneira abstrata com a legitimação e os aparelhos estatais, sob um governo democrático liberal, para o qual não haveria alternativa. Convém não esquecer que a República democrática liberal francesa

[...] sempre foi e sempre será simplesmente o guarda-chuva das combinações burguesas e

o instrumento da opressão das classes populares e que é em nome da República que se fez guerras pela colonização e contra a descolonização das populações cujos descendentes sofrem, ainda hoje, as sequelas nos seus países (no desenvolvimento socioeconômico desigual, que a colonização instituiu e ao qual a descolonização não deu fim), como nas antigas metrópoles coloniais para as quais elas “escolheram” imigrar (BIHR, 2015, p. 1, grifo do autor).

Toda grande transformação social e histórica seria uma farsa, e não uma tragédia, caso fosse verdade que “[...] o espaço de convivência democrático é, por natureza dialético [...]”, de um lado; e, de outro,

[...] ideias se opõem num embate sem armas, exceto as retóricas e as lógicas. Regras legais, culturais e de urbanidade medeiam esta guerra sem fuzis e, ao fim e ao cabo, novas ideias, novos paradigmas surgem. (SALGADO, 2015, p. 5).

Essa metafísica da democracia

[...] revela seu aspecto reacionário: a instauração de uma norma ideal para controlar as exigências reais das massas operárias e dos partidos revolucionários. (TROTSKY, 1980, p. 48).

Essa reificação de uma democracia pacifista que apenas sobrevive a ela mesma, se repetindo e se eternizando como farsa histórica,

[...] não resolve nenhum problema, não supera nenhuma contradição, nem cura nenhuma ferida, não previne nem as insurreições da direita nem as da esquerda: ela é impotente, insignificante e só serve para enganar as camadas atrasadas da população e, sobretudo, a pequena burguesia. (TROTSKY, 1980, p. 18).

Além de ignorar, no passado, as batalhas de Argel e de Dien Bien Phu, no presente, o acadêmico da antiga França Equinocial entra, com

a arma da crítica, na guerra das identidades do lado da França oficial constituída a partir da Terceira República (1870-1940), que

[...] tenta se distinguir por um tótem de sua invenção: a “República democrática e laica”, ou “o pacto republicano”. Este tótem valoriza a ordem estabelecida parlamentar francesa – pelo menos desde seu ato fundador, a saber, o massacre, em 1871, pelos Adolphe Thiers, Jules Ferry, Jules Favre e outras vedetes da esquerda “republicana”, de 20.000 operários nas ruas de Paris. (SANTOS, 2015, p. 1, grifos do autor).

Nos dias de hoje, resta atual a afirmação de Horkheimer de que “[...] aqueles que não estiverem dispostos a falar criticamente sobre o capitalismo devem se calar sobre o fascismo.”, do mesmo modo que, “[...] quem não estiver disposto a falar criticamente sobre a democracia liberal deve também se calar sobre o fundamentalismo religioso.” (ŽIŽEK, 2015, p. 1). Enfim,

[...] como ficam então os valores fundamentais do liberalismo (liberdade, igualdade, etc.)? O paradoxo é que o próprio liberalismo não é forte o suficiente para salvá-los contra a investida fundamentalista. O fundamentalismo é uma reação – uma reação falsa, mistificadora, é claro – contra uma falha real do liberalismo, e é por isso que ele é repetidamente gerado pelo liberalismo. Deixado à própria sorte, o liberalismo lentamente minará a si próprio – a única coisa que pode salvar seus valores originais é uma esquerda renovada. Para que esse legado fundamental sobreviva, o liberalismo precisa da ajuda fraterna da esquerda radical. *Essa é a única forma de derrotar o fundamentalismo, varrer o chão sob seus pés.* (ŽIŽEK, 2015, p.1).

Em seguida, vem a discussão dos aspectos que mais se destacaram na mídia e nas análises correntes, em geral, fazendo a apologia da democracia burguesa formal na França.

3 REPÚBLICA E SÍMBOLO

Montrouge (monte vermelho em francês) simboliza o banho de sangue humano. O fuzil versos o lápis simbolizam o massacre covarde perpetrado por fanáticos religiosos contra caricaturistas esquerdistas geniais, que exercitavam a liberdade de expressão e afirmavam a laicidade republicana, na pátria de Voltaire (19--?). Para o filósofo da tolerância “[...] em Paris, a razão vence o fanatismo, por maior que ele seja [...]” (VOLTAIRE, [19--?], cap. 1). Assim, a fraternidade entre seres humanos, não importando o credo e a nacionalidade, foi personificada por um muçulmano, originário do Mali. O heroico empregado do *Hyper Cacher* (*kasher*, comércio especializado em mercadorias conforme os preceitos judaicos) não hesitou em esconder (*cacher*, em francês) vários judeus numa câmara frigorífica – providencialmente desligada por ele mesmo. Além disso, o humilde *Schindler* africano conseguiu escapar cinematograficamente da armadilha jihadista e teve um papel decisivo na tática policial de liberação de muitos reféns ainda com vida. Esse gesto de solidariedade humana, situado para além do maniqueísmo dominante, somado ao fato de que várias vítimas francesas eram muçulmanas e afrodescendentes, reduziu o impacto, mas não eliminou o móbil terrorista de jogar lenha na fogueira ideológica do chauvinismo, do racismo e do fascismo. Com efeito,

[...] o contexto dos atentados é aquele de um movimento, Estado Islâmico, que identificou o que ele estima ser fraturas culturais e confessionais nas sociedades europeias – em particular, na França – e age para que essas fraturas sejam aprofundadas, transformadas em fendas. O grupo espera que elas se traduzirão por situações de guerra civil entre populações de origem muçulmana e os “islamofóbicos”, estes tornando-se numerosos por causa dos ataques jihadistas. As populações muçulmanas, quanto a elas, se radicalizariam em reação, até considerar os jihadistas como seus heróis. (KEPEL, 2015, p. 10, grifo do autor).

De acordo com o Observatório Nacional contra a Islamofobia, nas duas semanas seguintes aos atentados, ocorreu o mesmo número de atos anti-muçulmanos que durante todo o ano de 2014 (OBSERVATÓRIO NACIONAL CONTRA A ISLAMOFOBIA, 2015). De imediato, várias mesquitas sofreram atentados islamofóbicos em vários pontos do país, causando insegurança na comunidade muçulmana. Evidentemente, a grande maioria dos judeus da França se sente em casa (MILLER, 2015), mas a insegurança também aumentou na comunidade judaica, incitando até mesmo novos êxodos para Israel, com o apoio explícito do primeiro ministro Benjamin Netanyahu, no momento em que era recebido com o tapete rosa do socialista François Hollande. Como de hábito,

[...] os últimos eventos vão dar a ocasião e fornecer o pretexto, sob a cobertura de um fortalecimento da “luta contra o terrorismo”, de um endurecimento do aparelho repressivo e de uma agravamento das restrições concernentes às liberdades públicas dos quais correm o risco de serem vítimas as organizações associativas, sindicais e políticas que lutam, a um grau mais ou menos forte, contra a ordem social existente. (BIHR, 2015, p. 1, grifo do autor).

Logo depois dos atentados terroristas, soldados de sentinela em frente a locais sensíveis do território Francês relataram uma série de atos provocativos e intimidatórios. Embora o ministro do interior francês recuse uma variante do *Patriot Act* no seu país, ficam muitos policiais em frente à casa de cidadãos ou aos locais de instituições sob ameaça; os funcionários têm que mostrar documentos de identidade para entrarem nas próprias repartições públicas; a repressão racista a árabes, negros, jovens da periferia aumentou sensivelmente, etc. Com efeito,

[...] o ato destes fanáticos e intolerantes partidários do Jihad é um crime contra a liberdade de imprensa, o livre pensamento, a liberdade artística. Mas é também

um crime contra o Islã, e contra os muçulmanos da França, que correm o risco de acabar pagando a conta de uma infâmia da qual não tem a mínima responsabilidade. A onda de islamofobia, que tem se desenvolvido bastante na França nos últimos tempos, com o apoio de jornalistas racistas, ou escritores famosos como Eric Zemmour, como Houellebecq, confunde muçulmanos com integristas, e integristas com jihadistas. Este clima deletério favorece as várias correntes racistas, fascistas, e sobretudo o Front National da família Le Pen, que fez do racismo islamofóbico seu principal fundo de comércio. Eles naturalmente tratarão de utilizar o crime dos jihaddistas para difundir seu veneno. (LÖWY, 2015, p. 1).

Em geral, as práticas políticas da direita francesa são cada vez mais marcadas pela era do *Choque das Civilizações* de Huntington (2007), ou melhor, pela crença na hipótese

[...] de que a fonte fundamental de conflito neste novo mundo não seja prevalentemente ideológica ou predominantemente econômica. As grandes divisões existentes na humanidade e a fonte dominante de conflito serão culturais. Os Estados-nações continuarão a ser os atores mais poderosos nas questões mundiais, mas os principais conflitos da política global ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações. O choque das civilizações dominará a política global. As guerras civilizacionais serão as batalhas do futuro (LÖWY, 2015, p. 1).

O Estado Islâmico se apropria *cum grano salis* dessa tese e assume concretamente o seu campo numa heterogênea civilização islâmica, transcendendo todo particularismo, galvanizada pelo choque com os infiéis, podendo se realizar, no tempo e no espaço, através do terrorismo fascista, da guerrilha local e do jihadismo global. A hipocrisia em pessoa,

[...] assinou o livro condolências pelas vítimas do atentado terrorista contra a redação do *Charlie Hebdo*

e, definindo-o como um “ultrajante ataque contra a liberdade de imprensa”, declarou que o terrorismo sob todas as suas formas não pode jamais ser tolerado nem justificado”. Palavras justas se não tivessem sido pronunciadas por Jens Stoltenberg, secretário geral da OTAN [...] (DINUCCI, 2015b, p. 1, grifo do autor).

Para um filósofo francês,

[...] é uma impostura apresentar essas guerras e suas repercussões criminosas como a contradição principal do mundo capitalista contemporâneo, aquela que iria à essência das coisas [...] (BADIOU, 2015, p. 1).

Por um lado; e, por outro,

[...] as tropas e polícias da «guerra anti-terrorista», os bandos armados que se reclamam de um islamismo mortífero e todos os Estados sem exceção fazem parte hoje do mesmo mundo, o do capitalismo predador. (BADIOU, 2015, p. 1).

Nesse ambiente, não se tocam músicas como *O desertor* de Boris Vian, nem tampouco a *má reputação* de Georges Brassens; nem pensar em executar o hino francês na versão reggae de Serge Gainsbourg, para não ferir a sagrada união republicana. Assim, segundo o famigerado escritor democrata liberal,

[...] que a luta contra o terrorismo às vezes exija certas reduções da liberdade é, lamentavelmente, inevitável, com a condição de que tais limitações não transgridam certos limites além dos quais a própria liberdade sucumbe e um país livre deixa de sê-lo, chegando a se confundir com os Estados totalitários e obscurantistas que alimentam o terrorismo. (LHOSA, 2015, p. 1).

Em vez de falar de liberdade sem frases,

[...] dever-se-ia sobretudo se inquietar das repercussões que as reações aos atos terroristas têm na

vida cotidiana e sobre as liberdades políticas dos cidadãos, sobre os quais pesam dispositivos de controle cada vez mais perversos. (AGAMBEN, 2015, p. 1).

Provavelmente, o escritor peruano não é das poucas pessoas que

[...] sabem que a legislação em vigor em matéria de segurança nas democracias ocidentais – por exemplo, na França e na Itália – é sensivelmente mais restritiva do que aquela em vigor na Itália fascista. (AGAMBEN, 2015, p. 1).

Assim, um sociólogo francês apoiou uma espécie de lei seca draconiana que transformou em *apologia do terrorismo* as pragas de morte por jihadista que um chofer embriagado rogou contra os guardas que o flagraram com um bafômetro. Ou seja:

[...] alguns se indignaram com a condenação a quatro anos de prisão de um homem bêbado que fez apologia do terrorismo. Mas, todo cidadão, mesmo embriagado, é responsável de seus atos. Como no caso da delinquência no volante. (WIEVIORKA, 2015, p. 11).

Até crianças de 7 a 9 anos de idade tiveram que comparecer com seus pais diante das autoridades policiais, por crime de *apologia ao terrorismo*. Pelo visto,

[...] a escola tem um enorme trabalho a fazer para inculcar os fundamentais do Estado de direito, mas isso não se endereça somente às massas ignorantes, mas também aos espíritos cultivados, inclusive os intelectuais. (MANIGLIER, 2015, p. 24).

Por outro lado, manifestou-se na França um oportunismo nacionalista de política menor implicando concorrências sejam entre o social-liberal Manuel Valls e a nacional-socialista Marine Le Pen, no falso debate União Nacional *versus* Front Nacional, sejam entre o presidente François

Hollande e o papagaio de pirata Nicolas Sarkozy, na pose para fotos do desfile oficial *Je suis Charlie*. O antigo chefe do Estado, que implementara uma política interior repressiva e uma política de potência agressiva, contribuindo para globalizar os bombardeios da OTAN, não queria aparecer à toa, sem fins oportunistas. Do mesmo modo, outro duelo foi travado entre Nicolas Sarkozy e Manuel Valls, quando o primeiro criticou o segundo pela aplicação do termo *apartheid*. Como nota um sociólogo francês,

[...] segundo o Primeiro Ministro, um *apartheid* “se impôs a nosso país”: ele não diz: “Nosso país impôs um *apartheid*”. A voz passiva lhe permite evacuar o sujeito da ação: ele pode enunciar um problema sem analisar as responsabilidades... Assim, essa dupla linguagem permite dizer sem dizer; ou melhor: não reconhecer tudo, dando a impressão de ter reconhecido. Desde então, a discussão se engaja sobre a realidade da segregação (teria o Primeiro Ministro exagerado a situação?) e não sobre suas causas. A política da raça só fora nomeada para melhor ser banida: o *apartheid* não é um *apartheid*. Assim funciona a retórica de Manuel Valls – como a de Nicolas Sarkozy antes dele. (FASSIN, 2015a, p. 25, grifo do autor).

Na lógica democrata liberal, havia proveitos para os que personificavam o Estado

[...] pela forma enérgica como lidaram com a crise provocada pelo desafio terrorista, e renovaram os consensos da classe política francesa em favor dos «princípios republicanos» [...] (LHOSA, 2015, p. 1, grifo do autor).

De fato, conforme um Instituto de Sondagem Francês (IFOP), o índice de popularidade do primeiro-ministro subiu de 17 pontos e o do presidente 21 pontos, na semana seguinte aos atentados. Aliás,

[...] foi assim que, no nível mais baixo de sua popularidade, nossos dirigentes puderam, graças a três fascistas devotos que não podiam imaginar tal triunfo, desfilar diante de bem mais de um milhão de pessoas, simultaneamente

aterrorizados pelos “muçulmanos” e nutridos com vitaminas da democracia e da magnífica grandeza da França. (BADIOU, 2015, p. 1, grifo do autor).

Nesse caso, pensando na luta contra o racismo a médio e longo prazo, os militantes do movimento SOS Racismo têm razão de se inquietar com a mudança de símbolos:

Je suis Charlie substituiu *Ne touche pas à mon pote* [não mexa com o meu amigo]. As mãozinhas amarelas dos discriminados foram substituídas pelos painéis negros e os lápis vermelhos. Em Paris, a Praça da República apagou a Praça da Concorde. (ALEMAGNA; BRETON, 2015, p. 51).

Assim, é frustrante a constatação de que mesmo tendo vivenciado, há menos de 10 anos, a experiência das revoltas contra a humilhação racista, pouco se aprendeu e pouco se mudou na França em termos de atentados à dignidade humana contra filhos de imigrantes:

Por um lado, a esperança de fazer parte de uma classe trabalhadora sindicalmente organizada que alimentou os sonhos dos pais desapareceu com o desmanche neoliberal do operariado francês. Por outro, as expectativas de progresso ocupacional dos filhos dos imigrantes estimuladas pelo acesso ao ensino superior sucumbiram ao subemprego, à degradação social das periferias e à violência policial. (BRAGA, 2015, p. 1).

Espetacularmente decepcionante foi o fato de que muitos integrantes da lista internacional de chefes de Estado e de governo que desfilaram no dia 11 seguinte aos atentados, costumam utilizar leis antiblasfêmia contra seus oponentes, e “[...] ao retornarem aos seus países, criticaram o semanário e até o censuraram.” (KAELBLIN; MOUREN, 2015, p. 1). Isto era de se esperar, pois os jornalistas assassinados

[...] eram pessoas de esquerda, anti-racistas, anti-fascistas, anti-colonialistas, simpatizantes do comunismo ou do anarquismo. Há pouco, participaram com desenhos em um álbum em homenagem à memória das centenas de anti-colonialistas argelinos assassinados pela polícia francesa em Paris, em 17 de outubro de 1961. Sua única arma era a pluma, o humor, a irreverência, a insolência. Também contra as religiões, seguindo a velha tradição anti-clerical da esquerda francesa. Mas no último número da revista, que acabava de sair, a capa era uma caricatura contra o escritor islamofóbico Houellebecq, além de uma página de caricaturas contra a religião [...] *católica*. Charb [...], o editor-chefe da revista, era um artista de sensibilidade revolucionária [...] (LÖWY, 2015, p. 1).

Em compensação, correndo por fora da hipocrisia do desfile republicano oficial, feito com muitos representantes governamentais tão predadores quanto os lobos em galinheiros, tomou fôlego uma antinomia política republicana francesa, cujo polo positivo foi a gigantesca manifestação popular, proclamando *Je suis Charlie*, em passeata ligando as Praças da República e da Nação, via Boulevard Voltaire. Entretanto,

[...] a República sempre povoou as prisões, sob inumeráveis pretextos, jovens marginais mal educados que lá viviam. Ela também, a República, multiplicou os massacres e novas formas de escravidão exigida pela manutenção da ordem no império colonial. Este império sanguinário havia encontrado a sua constituição nas declarações do mesmo Jules Ferry – seguramente um ativista do pacto republicano –, os quais exaltavam a “missão civilizatória” da França. (BADIOU, 2015, p. 1, grifo do autor).

Na antinomia republicana, portanto, existe um polo negativo personificado por três jovens franceses, que frequentaram a escola republicana, passaram pela assistência social como marginais afrodescendentes, incluindo dois ex-presidiários

aqui, ali e acolá fanatizados pelo islamismo e depois treinados pela Al-Qaida no Yemem ou no Estado Islâmico para agirem como se fossem seus guerreiros, ora fomentados, ora bombardeados pela França, cuja estratégia de potência foi implementada por aprendizes de feiticeiro. Além disso,

[...] existe um problema sério vinculado não à imigração em si, mas ao fato de que muitos filhos de imigrantes não se sentem mais franceses e não têm vontade de sê-lo. (DEBRAY, 2015, p. 1).

A sagrada união nacional serviu para ocultar aspectos da causalidade dos fenômenos, pois

[...] os responsáveis políticos, de esquerda como de direita, que se alternam há mais de trinta anos à frente do Estado, contribuíram através de políticas neoliberais, as quais não cessaram de ampliar o campo e endurecer o curso. E tantos outros processos aos quais não escaparam a grande maioria das populações imigradas provenientes da África Sub-Saariana, do Magreb ou do Próximo ou do Médio-Oriente, não somente porque fazem parte do proletariado, mas ainda porque, no seu caso, os efeitos desses processos foram agravados pela opressão específica, na base de estigmatização xenófoba e racista, da qual são vítimas no cotidiano [...] Uma estigmatização que certos agentes do Estado, no sentido amplo, não deixam de ser também responsáveis, gerando assim um verdadeiro racismo de Estado. No que, aliás, foram estimulados pela impunidade da qual se beneficiaram por parte de sua respectiva hierarquia, assim como pelo encorajamento implícito que lhes endereçaram os responsáveis políticos. (BADIOU, 2015, p. 1).

Logo após os atentados terroristas,

[...] o Estado se engajou numa utilização desmesurada e extremamente perigosa do crime fascista, porque o inscreveu no registro da guerra mundial das identidades. (BADIOU, 2015, p. 1).

Numa conjuntura em que “[...] se vê um liberalismo sem limitações conviver perfeitamente com um estatismo securitário também totalmente ilimitado.” (AGAMBEN, 2015, p. 1). No sentido próprio, menos de um mês após os atentados, os órgãos repressivos, que terão seus recursos humanos, materiais e financeiros fortalecidos, já podem até censurar a internet sem pedir autorização de um juiz. Em particular,

[...] o governo vai continuar uma política antissocial que fortalecerá as desigualdades e a pobreza, que são a base objetiva do crescimento das correntes extremistas e reacionárias. Em vez de resolver o problema pela raiz, Hollande e Valls se preparam para aumentar um arsenal repressivo, que simplesmente causará um agravamento da situação. Esse arsenal poderia ser utilizado contra quem ouse elevar a voz contra a União Nacional, inclusive toda greve ou luta dos trabalhadores que se desenvolva nos próximos meses. (NORTE; VINET, 2015, p. 1).

Em geral, tenta essa

[...] União Sagrada eximir os líderes políticos de hoje e de ontem, de esquerda como de direita, mas também seus valetes midiáticos, de suas pesadas responsabilidades na gênese, na manutenção e na agravamento das situações que nos levaram para onde estamos. (BIHR, 2015, p. 1).

De um lado; e, do outro, sublinha ao extremo a marginalidade, a loucura e a barbárie dos terroristas para evitar a questão que não quer calar: “[...] por que e como três jovens, originários da imigração magrebina ou africana, nascidos na França, se tornaram matadores jihadistas?” (BIHR, 2015, p. 1). O sociólogo francês avançou alguns elementos de resposta:

[...] a começar pelo desemprego de massa e o desenvolvimento do trabalho precário e desqualificado, a pauperização relativa e mesmo

absoluta de certas camadas populares, sobretudo aquelas estacionadas nos bairros deserdados no plano dos equipamentos coletivos e de seus serviços públicos, a agravamento das desigualdades sociais em todos os planos, a redução das perspectivas de mobilidade social ascendente, o todo em que se espalha cada vez mais cinicamente a arrogância do sucesso daqueles que escapam do conjunto desses fenômenos e que até se aproveitam deles. (BIHR, 2015, p. 1).

Felizmente, apesar do otimismo de Mario Vargas Lhosa (2015, p. 1), em que

[...] a Frente Nacional não parece ter ganhado um só voto com sua demagogia de pedir o restabelecimento da pena capital, a saída da Europa e uma agressiva política anti-imigratória.

Apesar, também, da tolerância do Papa Francisco para com as enfurecidas vítimas de blasfêmias, criticada até por um devoto do Convento das Mercês, o republicano José Sarney (2015); apesar, enfim, da falta de tolerância dos islamofóbicos – sobretudo de cristãos eventualmente propensos a uma caricatural cruzada *Jesus Charlie*, num cenário digno de uma sátira do *Charlie Hebdo* –, a grande maioria dos franceses de religião islâmica, inclusive os mais empobrecidos, jamais assumiria o papel de mercenário do Estado Islâmico, com a missão de aplicar castigos terrenos mortais em judeus (por causa da opressão israelita no oriente médio) e cartunistas ateus (pelas blasfêmias contra o Profeta Maomé). Entretanto,

[...] era praticamente impossível, durante todos os primeiros dias deste caso, de exprimir sobre o que se passava outra opinião além daquela que consiste em se encantar de nossas liberdades, de nossa República, em maldizer a corrupção de nossa identidade pelos jovens proletários muçulmanos e as moças horivelmente usando véus, em se preparar virilmente para a guerra contra o terrorismo. Escutou-se até mesmo o grito seguinte, admirável

na sua liberdade expressiva: “somos todos policiais”. (BADIOU, 2015, p. 1, grifo do autor).

Na situação decorrente dos atentados terroristas parisienses,

[...] pensando no que podemos fazer, é preciso compreender que é urgente organizar-se politicamente, para da horizontalidade dos movimentos fazer emergir uma política vertical que saiba exprimir força e programas políticos. (NEGRI, 2015, p. 1).

Para o pós-marxista ocidental,

[...] os contragolpes ao ataque de 7/1 são aqueles que sucedem ataques “terroristas” do gênero. Já conhecemos a lição: hinos à segurança, apologia da polícia e serviços de segurança, ódio ao inimigo, unanimidade em denunciar o perigo etc. E, além disso, neste caso, a demonização do perigo islâmico. Os contragolpes à manifestação de 11/1 [...] talvez essa manifestação seja o início de uma virada do quadro acima descrito e que possa bloquear — ou pelo menos comece a bloquear — o ciclo de crescimento da direita fascista e chauvinista na Europa. (NEGRI, 2015, p. 1, grifo do autor).

Entretanto, a experiência em tela não se reduz às determinações franco-francesas ou franco-europeias. As especificidades não estão isoladas, mas são elementos de um silogismo histórico (LEFEBVRE, 1980), combinando dialeticamente determinações universais (homogeneidade), particulares (diferenciação) e singulares (hierarquização). Sem a dialética do universal e do específico, não se apreende claramente a adesão dos três jovens franceses a um islamismo no qual se radicaliza a relação entre humilhação e revanche, a partir de experiências pessoais e coletivas:

[...] o jihad, logo justificado em nome de uma revanche dos muçulmanos contra as interferências e a opressão de um Ocidente judeu-cristão imperialista e diabolizado, é também a manifestação de

emoções, para além de suas fundamentações políticas e dos preconceitos culturalistas usuais concernentes à uma suposta “predisposição” do islã ou ainda da cultura árabe à violência (BENRAAD, 2015, p. 25, grifo do autor).

Falta analisar os aspectos que mais foram ocultados nas discussões correntes, sob a cortina de fumaça do pseudo-concreto do choque das civilizações e da metafísica da democracia burguesa.

4 FILOSOFIA POLÍTICA E GEOPOLÍTICA

Aos elementos já discutidos acima, somam-se outros fatores que merecem destaque, especialmente atinentes à filosofia política e à geopolítica. Para outro filósofo pós-marxista ocidental, seria decisivo, na disputa ideológica contra

[...] a exploração do islã pelas redes jihadistas — em que, convém não esquecer, muçulmanos em todo lugar do mundo e mesmo na Europa são as principais vítimas —, responder somente com uma crítica teológica e, finalmente, com uma reforma do “senso comum” da religião, que faça do jihadismo uma contra-verdade aos olhos dos crentes. Senão, seremos todos tomados pelo vício mortal terrorista, susceptível de atrair para ele todos os humilhados e ofendidos de nossa sociedade em crise, e por políticas securitárias, liberticidas, implementadas por Estados cada vez mais militarizados. (BALIBAR, 2015, p. 1, grifo do autor).

Sob um prisma crítico internacionalista, merecem uma discussão mais sutil os aplausos unânimes a Manuel Valls, ao afirmar em seu discurso na Assembleia Nacional, logo em seguida aos atentados, que *é intolerável que judeus tenham medo na França, é intolerável que muçulmanos tenham vergonha na França*. Assim, o medo estaria vinculado ao racismo e a vergonha estaria vinculada ao integrista. Porém, o repúdio à intolerância extrema, causadora do medo e da vergonha, deveria se combinar com a recusa das trágicas experiências

guerreiras do colonialismo e do imperialismo, em que o medo não é um monopólio dos judeus e a vergonha não é um monopólio dos muçulmanos. Aliás,

[...] por ocasião de sua conferência de imprensa de 27 de novembro de 1967, o general de Gaulle tinha perfeitamente resumido o problema que envenenará o Próximo-Oriente durante 50 anos: "Israel organiza, nos territórios que ele tomou, a ocupação que não pode acontecer sem opressão, repressão, expulsões, e ali se manifesta contra ele a resistência que ele qualifica de terrorismo." (GUIGUE, 2013, p. 1, grifo do autor).

Em geral,

[...] a história mostra como muitos dos fanatismos e seus choques estiveram relacionados com interesses econômicos e políticos que, aliás, nunca beneficiaram os que mais sofreram com tais fanatismos. (SANTOS, 2015, p. 1).

Na história francesa, percebe-se uma prudente e agnóstica

[...] sapiência de Robespierre quando ele condena todos aqueles que fazem das violências anti-religiosas o coração da Revolução e só obtém, desse modo, deserção popular e guerra civil. Ele nos convida a considerar que o que divide a opinião democrática francesa é de estar, sabendo ou não, seja do lado constantemente progressista e realmente democrata de Rousseau, seja do lado do negociista canalha, do rico especulador cético e hedonista, que era como o gênio mal que habitava em Voltaire, por outro aspecto capaz, às vezes, de autênticos combates. (BADIOU, 2015, p. 1).

Como na perspectiva ética de Weber (1963; 1996), precisamente naquela que opõe ética da convicção e ética da responsabilidade, formulou-se tanto explicitamente, como no caso do sociólogo Didier Fassin (2015b), quanto implicitamente, sem marchar contra a corrente do combate da liberdade

de expressão, a ideia de certa *imprudência* dos chargistas do *Charlie Hebdo*, no duplo sentido do termo:

[...] desconsideração para com o perigo, gosto do risco e até mesmo heroísmo. Mas, também indiferença para com as consequências eventualmente desastrosas de uma provocação saudável: neste caso, o sentimento de humilhação de milhões de homens já estigmatizados, que os livra às manipulações de fanáticos organizados. (BALIBAR, 2015, p.1).

Tudo isso, somado à raiva desencadeada no mundo muçulmano contra a caricatura de um choroso profeta Maomé dizendo que *tudo está perdoado* e aderindo à moda francesa *Je suis Charlie*, divulgada na edição *monstruosa* de sete milhões de exemplares, aumenta a urgência de investigação crítica nos domínios específicos da sociologia da integração neoliberal, ontem e hoje, e da história neocolonial, penteando-a a contrapelo, pois

[...] a questão não é se os antecedentes, agravos e ressentimentos que condicionam atos terroristas são verdadeiros ou não, o importante é o projeto político-ideológico que emerge como reação contra injustiças. (ŽIŽEK, 2015, p. 1).

Com efeito,

O terrorismo indiscriminado que usa Maomé como pretexto para defender os interesses de burguesias periféricas, e também de um clero reacionário e parasita, existirá enquanto as massas árabes não tenham uma alternativa política independente. O proletariado e as massas exploradas na Europa podem lhes pavimentar o caminho lutando contra o capitalismo e o *imperialismo* em seu próprio país e continente. (COGGIOLA, 2015, p. 1).

Sobretudo porque, hoje, ao contrário do que é apregoado pela farsa da *guerra contra o terror*

ou da guerra humanitária e pelo mito do choque das civilizações, tem relevo o fato de que a resolução da crise do capitalismo global passa por falências, fusões, incorporações e desemprego massivo, sem esquecer a persistência das políticas públicas neoliberais (FARIAS, 2015), que teimam em implementar a primazia do mercado e das finanças, ficando cada vez mais longe de convencer a propósito da eternização do capitalismo, reificada numa ampolheta fatal. Por ironia do destino, dentre as vítimas assassinadas no *Charlie Hebdo*, destaca-se um economista político crítico e irônico do capitalismo atual, Bernard Maris:

[...] foi talvez ele, na aurora do capitalismo neoliberal que viu a «ciência» econômica se lançar definitivamente na apologia das finanças especulativas, um dos primeiros, senão o primeiro de nossa geração a batalhar contra esta pseudo-ciência. (HARRIBEY, 2015, p. 1).

Na resolução da crise global, a prioridade do salvamento do capital especulativo-financeiro e o agravamento do endividamento público, combinados com

[...] a crise social causada pela erosão da proteção social e pelo aumento do desemprego, sobretudo entre jovens, não será lenha para a fogueira do radicalismo por parte dos jovens que, além do desemprego, sofrem a discriminação étnico-religiosa? (SANTOS, 2015, p.1).

Não é uma fatalidade, porém,

[...] que um potencial de revolta suscitado pela injustiça social e a estigmatização racista conduza a um ato colocado sob o signo do identitarismo religioso. Se o primeiro só encontra o segundo como forma de expressão, é também por não ter podido encontrar vias alternativas. (BIHR, 2015, p.1).

Em geral,

As recentes vicissitudes do fundamentalismo muçulmano confirmam o velho *insight* benjaminiano de que “toda ascensão do fascismo evidencia uma revolução fracassada”: a ascensão do fascismo é a falência da esquerda, mas simultaneamente uma prova de que havia potencial revolucionário, descontentamento, que a esquerda não foi capaz de mobilizar. (ŽIŽEK, 2015, p. 1, grifo do autor).

Embora o calcanhar de Aquiles da luta emancipatória ainda resida nas configurações nacionais, como a situação grega atual de luta contra a Troika (Comissão Europeia, Banco Central Europeu, FMI) ilustra muito bem, a subjetividade revolucionária dos explorados, dominados e humilhados tem que atacar o núcleo complexo formado por duas mediações decisivas, uma política e outra econômica, que articulam dialeticamente os elementos do imperialismo global (FARIAS, 2013a). Politicamente, o modo estatal global (FARIAS, 2013b) é a mediação da totalidade contraditória que envolve tanto a unidade das relações de classes e a luta de classes, quanto a reprodução do capital e a crise do capital. Economicamente, a globalização do capital é a mediação da totalidade contraditória que envolve tanto a unidade das relações hegemônicas e a luta estatal pela hegemonia, quanto a reprodução das potências e a crise das potências. Atualmente, como processo político e econômico, o imperialismo global monta uma peça histórica de *pax imperialis*, com seu pseudo-concreto e seu fetichismo, em que

[...] sobre a trama geral do “Ocidente”, pátria do capitalismo dominante e civilizado, contra o “islamismo”, referência do terrorismo sanguinário, aparecem bandos armados assassinos ou indivíduos super-armados, brandindo o cadáver de algum Deus para se fazer obedecer, de um lado; e, de outro, em nome dos direitos do homem e da democracia, expedições militares internacionais selvagens, destruindo Estados inteiros (Iugoslávia, Iraque, Líbia, Afeganistão, Sudão, Congo, Mali, República Centro-Africana [...])

e fazendo milhares de vítimas, sem chegar a nada que não seja negociar com os bandidos mais corruptíveis uma paz precária em torno dos poços, das minas, dos recursos alimentares e dos enclaves em que prosperam as grandes companhias. (BADIOU, 2015, p. 1, grifos do autor).

O imperialismo global se revela, cada vez mais, como um fenômeno em que a riqueza capitalista mundial centraliza-se cada vez mais nas mãos de poucos capitalistas, que acumularam a sua vasta fortuna através de atividades capitalistas funcionais monopolistas quer civis, quer do complexo militar industrial, articuladas com as atividades proprietárias especulativas e financeiras, como um todo contraditório, sob a mediação do modo estatal global, com formas de existência nacionais, continentais e planetárias. Nesse contexto, se insere um primeiro erro:

[...] as potências ocidentais continuam a sustentar a Arábia Saudita, o Qatar e os países do Golfo. Permitem tudo a estes países, qui dão um apoio gigantesco ao terrorismo. Mais precisamente, as potências ocidentais consideram a aliança com os países do golfe como um fundamento da política neoliberal. O segundo erro ocidental é de ter combatido os autocratas que buscaram frear o islamismo político, de Saddam Hussein a Muammar Khadafi [...]. (AMIN, 2015, p.1).

No bojo da *volta das ideias*, vem a apologia da coragem sub-imperialista, isto é,

[...] em vez de se deixar intimidar pela chantagem sangrenta dos extremistas islâmicos, a França, que já os combateu na África e continua a combatê-los no Oriente Médio, reafirma sua decisão de continuar a enfrentá-los. (LHOSA, 2015, p. 1).

Na realidade, de Sarkozy a Hollande, a política de potência francesa, em meio à crise global, tenta uma marcha militarista forçada para

subir na hierarquia em cada um dos aspectos (nacional, continental e planetário), atribuindo à luta contra o terrorismo uma prioridade política, no mesmo diapasão da *pax imperialis*, sob a liderança estadunidense. Assim, sob Sarkozy,

[...] a França se juntou ao comando integrado da OTAN e se proclamou aliado fiel dos EUA, ainda dirigido por George W. Bush. Mas, seria a incumbência de um presidente socialista a reviravolta da submissão. Enviando tropas ao Mali e à República Centro-Africana, enquanto que seu Ministro da defesa prometia uma recidiva na Líbia, retomando os argumentos de Tel-Aviv durante a guerra de Gaza do verão de 2014, François Hollande engajou o seu país na “guerra mundial contra o terrorismo” (GRESH, 2014, p. 1, grifo do autor).

O subimperialismo continental europeu e nacional francês se reelaboram teoricamente e se reconfiguram concretamente, na medida em que se desenvolve o imperialismo planetário sob a hegemonia dos EUA – que já colocou em prática a quintessência da *pax imperialis*, a lógica do drone (CHAMAYOU, 2013), num programa considerado por Noam Chomsky, como “[...] a mais extrema campanha de terrorismo da modernidade [...]” (GERMANOS, 2015, p. 1). Em compensação,

[...] é sabido que a extrema agressividade do Ocidente tem causado a morte de muitos milhares de civis inocentes (quase todos muçulmanos) e tem sujeito a níveis de tortura de uma violência inacreditável jovens muçulmanos contra os quais as suspeitas são meramente especulativas, como consta do recente relatório apresentado ao Congresso norte-americano. E também é sabido que muitos jovens islâmicos radicais declaram que a sua radicalização nasceu da revolta contra tanta violência impune. (SANTOS, 2015, p. 1).

Como no Afeganistão, no Iêmen, durante anos, os EUA e a Arábia Saudita apoiaram os islamistas na sua luta anticomunista contra a

experiência nacional popular no ex-lêmen do Sul. Mais uma vez, o feitiço virou contra o feiticeiro, tendo o islamismo político passado de amigo a inimigo. No contexto imperialista global, inserem-se

[...] diversas entidades factícias, cada uma se considerando como superior às outras, se confeccionam ferozmente nesse mundo unificado dos retalhos de dominação local. Do mesmo mundo real, tem-se a versão liberal do Ocidente, a versão autoritária e nacionalista da China ou da Rússia de Poutine, a versão teocrática dos Emirados, a versão fascisante dos bandos armados... Em todo lugar, as populações estão obrigadas a defender unanimemente a versão que o poder local apoia. (BADIOU, 2015, p. 1).

Assim, no primeiro semestre de 2014, Barack Obama considerava a luta travada contra os militantes islâmicos no lêmen como um modelo a ser seguido; já na segunda quinzena de janeiro de 2015, os aliados aos americanos no país foram expulsos do poder, que foi ocupado por aliados do Irã; menos de três semanas após os atentados terroristas contra o *Charlie Hebdo*, cometidos por jihadistas franceses treinados no lêmen, o presidente estadunidense deu uma coletiva de imprensa, em Nova Delhi, na qual defendeu a utilização de drones contra jihadistas naquele país árabe, ao mesmo tempo em que chorou lágrimas de crocodilo: “[...] não é limpo e não é simples, mas é a melhor opção que temos.” (RAMPTON, 2015, p. 1). Acontece que essa escolha do líder democrata estadunidense dinamiza a espiral viciosa de uma antinomia global que associa intimamente terrorismo jihadista e resposta estatal terrorista. Em geral,

[...] está implícito no paradigma securitário que cada conflito e cada tentativa mais ou menos violenta de derrubá-lo só é para ele a ocasião de governar os efeitos deles em proveito dos interesses que lhes são próprios. (AGAMBEN, 2015, p. 1).

Assim,

[...] sob a condução estadunidense, a OTAN estende sua estratégia para a África do Norte e para o Oriente-Médio. A demolição da Líbia através da guerra, a operação análoga lançada na Síria, o relançamento da guerra no Iraque, o uso de organizações islamistas como faca de dois gumes (sustentadas para abater os governos tomados como alvos, e então utilizados para justificar outras intervenções armadas) entram na estratégia EUA/OTAN. (DINUCCI, 2015c, p. 1).

Quando esses bombeiros piromanos

[...] se propõem a apagar um incêndio que eles contribuíram para acender, é preciso se preparar para enfrentar novos braseiros ainda maiores. (BIHR, 2015, p. 1).

5 CONCLUSÃO

A questão existencialista mundializada de *ser ou não ser Charlie* revelou-se como um falso debate maniqueísta, que não leva em conta as múltiplas determinações sociais e históricas do fenômeno, reduzindo o seu exame crítico a uma simples antinomia, em detrimento de uma abordagem verdadeiramente materialista e dialética.

Limitar o movimento global *Je suis Charlie* à reafirmação pura e simples da divisa da revolução burguesa não supera a hipocrisia oficial e a farsa da *guerra contra o terror* ou da *guerra humanitária*, nem a reificação do *choque de civilizações*, que tentam ocultar a luta de classes inerente à opressão capitalista, nas suas formas econômicas, sociais e políticas. A política neoliberal dominante se utiliza da tragédia nacional na busca do consenso nacional, em favor da continuidade de sua política social contrária aos interesses dos oprimidos, assim como para manter sua política de potência subimperialista. Agora, o governo social-liberal francês passará a adotar abertamente as novas medidas apropriadas à sua guerra humanitária contra o terrorismo. O

subimperialismo francês, que havia sido inicialmente contrário à invasão guerreira do Iraque e pouco se empenhado na guerra do Afeganistão, sobretudo no início de janeiro de 2013, lançou uma operação militar contra grupos jihadistas no Mali, que se estendeu regionalmente, ao envolver cinco países africanos na luta antiterrorista, a partir do início da agosto de 2014. Durante este ano, os 3.500 militares franceses haviam causado 200 mortes entre os jihadistas. A partir da segunda quinzena de setembro de 2015, a política de potência francesa, sob a liderança estadunidense, executa bombardeios aéreos na Síria e no Iraque, envolvendo a atuação de 900 militares, com aviões baseados na Jordânia e nos Emirados Árabes. Quando foi desencadeada a guerra ao terrorismo pelo imperialismo global, o jihadismo não se fazia presente nem na Síria nem no Iraque; hoje, a organização Estado Islâmico controla um território com partes daqueles países do tamanho da Inglaterra. Não há um programa político alternativo para trazer a paz para essa região sendo implementado pela coalizão liderada pelos EUA, fora as ações de bombardeio,

[...] sob a motivação oficial de ter que enfrentar a ameaça do terrorismo. Aquele que eles mesmos contribuíram para criar e que eles alimentaram, nas trágicas situações sociais provocadas pelas guerras em mais de vinte anos. Cujos militantes de base, quase sempre inconscientemente, assumem um papel que serve aos interesses das potências que pensam combater. Portanto, ajudando a quem tenta, na frente do bloco do Ocidente, como o tocador de flauta mágica, encantando com sua música, conduzindo-o pelo caminho que leva ao abismo da guerra. (DINUCCI, 2015a, p. 1).

Paradoxalmente, implicada em vários focos guerrilheiros islâmicos, a França sub-imperialista se revela incapaz de uma ação consistente no lêmén, justamente onde os irmãos terroristas franceses foram treinados. Embora a perpetuação do drama palestino seja um elemento importante na justificativa

ideológica do jihadismo muçulmano, no desfile oficial *Je suis Charlie* destacaram-se convidados com fortes razões para embaraço, como o criminoso de guerra israelense Benjamin Netanyahu. Justificável oficialmente pelo caráter antisemita do atentado fascista, sua presença também é coerente com o fato de que

[...] a política da França no Próximo-Oriente, sob François Hollande, persegue dois objetivos convergentes: confortar a nova aliança franco-israelense e desestabilizar toda resistência regional à hegemonia dos EUA, aliados da França e padrinhos de Israel. (GUIGUE, 2013, p. 1).

Até antes de receberem o bumerangue dos três terroristas de volta,

[...] desavergonhadamente, os dirigentes franceses assumem o papel de valentões belicistas, se tomando açoitadamente por soldados do Ocidente[...], na ilusão de não correr [...] nenhum risco, sendo Washington quem decide, em última instância, sobre o desencadear eventual das operações. (GUIGUE, 2013, p. 1).

Pelo que foi expresso acima sobre o consenso unanimista *Je suis Charlie*, cabe alertar para que não se confunda a real comunidade francesa com a sagrada *união nacional* pois, como ideologia de potência, *este conceito, praticamente, só serviu para fins inconfessáveis*, quais sejam: “[...] impor o silêncio às questões perturbadoras e fazer crer na inevitabilidade das medidas de exceção.” (BALIBAR, 2015, p. 1). Serviu, então, para justificar as intervenções militares do imperialismo global – na Líbia, na Síria, no Iraque, no Mali, etc., que desestabilizam vastas regiões periféricas e provocaram nelas focos de anarquia violenta –, cuja política pública de potência nacional ajuda a empurrar o mundo para o precipício, conforme a tendência dominante, no mesmo padrão e diapasão da doutrina guerreira securitária que adotou o *Patriot Act*, nos EUA (FARIAS, 2004). Trata-se de uma política

interior baseada no medo, na violência, na ganância, etc., que se coloca no mesmo passo de uma política exterior militarista, intervencionista, neocolonial, etc., ilustrando o fato histórico de que nenhuma potência central fica isenta de práticas repressivas dentro de suas fronteiras nacionais, no combate aos riscos reais de ataques retaliatórios à opressão na periferia, na medida em que implemente suas políticas de dominação no quadro do imperialismo global, sob o pretexto de eternizar a sua *missão civilizatória*.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Les Français doivent se battre contre le projet d'une énième loi antiterroriste. **Télérama**, Paris, 2015. Entrevista de Olivier Tesquet. Disponível em: <<http://www.telerama.fr/medias/les-francais-doivent-se-battre-contre-le-projet-d-une-enieme-loi-contre-le-terrorisme-giorgio-agamben,121729.php>>. Acesso em: 3 fev. 2015.
- ALEMAGNA, Lilian; BRETTON, Laure. Je suis Charlie : qu'en disent les «potes»? **Libération**, Paris, 2015. Disponível em: <http://www.liberation.fr/politiques/2015/01/30/je-suis-charlie-qu-en-disent-les-potes_1192278>. Acesso em: 1 fev. 2015.
- AMIN, Samir. Un acte odieux, mais la faute est à la France et aux États Uni. **Histoire et Société**, Paris, 2015. Disponível em: <<https://histoireetsociete.wordpress.com/2015/01/18/samir-amin-un-acte-odieux-mais-la-faute-est-a-la-france-et-aux-etats-unis/>>. Acesso em: 28 jan. 2015.
- BADIOU, Alain. Le rouge et le tricolore. **Le Monde**, Paris, 2015. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/idees/article/2015/01/27/le-rouge-et-le-tricolore_4564083_3232.html>. Acesso em: 28 jan. 2015.
- BALIBAR, Étienne. Trois mots pour les morts et pour les vivants. **Libération**, Paris, 2015. Disponível em: <http://www.liberation.fr/debats/2015/01/09/trois-mots-pour-les-morts-et-pour-les-vivants_1177315>. Acesso em: 11 jan. 2015.
- BENRAAD, Myriam. Au commencement du jihad, l'humiliation et la revanche. **Libération**, Paris, 2015. Disponível em: <http://www.liberation.fr/monde/2015/01/22/au-commencement-du-jihad-l-humiliation-et-la-revanche_1186466>. Acesso em: 2 fev. 2015.
- BIHR, Alain. France: l' «union sacrée» mise en perspective. **A l'encontre**, Lausanne, 2015. Disponível em: <<http://alencontre.org/europe/france/france-lunion-sacree-mise-en-perspective.html>>. Acesso em: 27 jan. 2015.
- BLOCH, Ernst. **Experimentum Mundi**. Paris: Payot, 1981.
- BRAGA, Ruy. Je suis Youmes Amrani. **Blog da Boitempo**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/12/je-suis-youmes-amrani/#_ftn2>. Acesso em: 12 jan. 2015.
- CARVALHO, Bernardo. «Charlie», pour un monde toujours sur le fil. **Libération**, Paris, 2015. Disponível em: <http://www.liberation.fr/monde/2015/01/13/charlie-pour-un-monde-toujours-sur-le-fil_1179980>. Acesso em: 03 fev. 2015.
- CHAMAYOU, Grégoire. **Théorie du drone**. Paris: La Fabrique, 2013.
- COGGIOLA, Osvaldo. Ser ou não ser (Charlie). **Blog da Boitempo**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/12/ser-ou-nao-ser-charlie/]. Acesso em: 12 jan. 2015.
- DEBRAY, Régis. Le désert des valeurs fait sortir les couteaux. **L'OBS**, Paris, 2015. Entrevista. Disponível em: <<http://bibliobs.nouvelobs.com/actualites/20150116.OBS0122/regis-debray-le-desert-des-valeurs-fait-sortir-les-couteaux.html>>. Acesso em: 18 jan. 2015.
- DIAS, Hertz. Pelos olhos da História e pelo que os meus próprios olho viram, eu não sou Charlie. **Blog do Noleto**: Só a luta muda a vida, São Luís, 2015. Disponível em: <<http://noleto16.blogspot.com.br/2015/01/pelos-olhos-da-historia-e-pelo-que-os.html>>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- DINUCCI, Manlio. Charlie Hebdo: qui est en tête

du cortège. **Mondialisation**, Montréal, 2015a. Disponível em: <<http://www.mondialisation.ca/qui-est-en-tete-du-cortege/5424524>>. Acesso em : 8 fev. 2015.

_____. Les porte-étendard de la liberté: L'art de la guerre. **Mondialisation**, Montréal, 2015b. Disponível em: <<http://www.mondialisation.ca/les-porte-etendard-de-la-liberte/5426906>>. Acesso em : 8 fev. 2015.

_____. Voilà où mène l'OTAN ultra-large. **Mondialisation**, Montréal, 2015c. Disponível em: <<http://www.mondialisation.ca/voila-ou-mene-lotan-extra-large/5430150>>. Acesso em: 8 fev. 2015.

ECO, Umberto. Siamo in guerra, fino al collo: l'Isis è il nuovo nazismo. **Corriere della Sera**, Roma, 2015. Disponível em: <http://www.corriere.it/esteri/15_gennaio_08/umberto-eco-siamo-guerra-fino-collo-l-isis-nuovo-nazismo-29d755e0-9705-11e4-b51b-464ae47f8535.shtml>. Acesso em: 29 jan. 2015.

FARIAS, Flávio Bezerra de. **A crise global**. São Paulo: Xamã, 2015. No prelo.

_____. **Filosofia política da América**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **O imperialismo global**. São Paulo: Cortez, 2013a.

_____. **O modo estatal global**. São Paulo: Xamã, 2013b.

FASSIN, Eric. Apartheid: aveu ou dénégação? **Libération**, Paris, 2015a. Disponível em: <http://www.liberation.fr/politiques/2015/02/01/apartheid-aveu-ou-denegation_1193483>. Acesso em: 2 fev. 2015.

_____. Charlie: éthique de la conviction contre éthique de la responsabilité. **Libération**, Paris, 2015b. Disponível em: [<http://alencontre.org/europe/france/charlie-ethique-de-conviction-contre-ethique-de-responsabilite.html>]. Acesso em: 31 jan. 2015.

GERMANOS, Andrea. Noam Chomsky: Obama's Drone Program. **Common Dreams**, [S. l.], 2015.

Disponível em: <<http://www.commondreams.org/news/2015/01/19/noam-chomsky-obamas-drone-program-most-extreme-terrorist-campaign-modern-times>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. v. 2. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; Co-edição, Luis Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRESH, Alain. La voix de la France enfouie sous les bombes. **Le Monde Diplomatique**, Paris, 2014. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/2014/10/GRESH/50884>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

GUIGUE, Bruno. Amères leçons d'un crime terroriste. **Arrêt sur Info**, Paris, 2015. Disponível em: <<http://arretsurinfo.ch/amer-lesons-dun-crime-terroriste/>>. Acesso em: 8 fev. 2015.

_____. Comment la France à trahi la Palestine. **Palestine Solidarité**, [S. l.], 2013. Opinion Disponível em: <http://www.palestine-solidarite.org/analyses.bruno_guigue.191113.htm>. Acesso em: 9 fev. 2015.

HARRIBEY, Jean Marie. Atterré : hommage à Bernard Maris de Charlie Hebdo. **Basta!**, Montreuil, 2015. Disponível em: <<http://www.Bastamag.net/Atterre-hommage-a-Bernard-Maris-de>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

HUNTINGTON, Samuel. O choque de civilizações. **Textos de História**, [S. l.], 2007. Unidade V, texto n. 10. Disponível em: <http://textosdehistoria.xpg.uol.com.br/unidade_V_texto_10_huntington_o_choque_de_civilizacoes.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

KAELBLEN, Camille; MOUREN, Léo. Ces dirigeants qui étaient Charlie dimanche, qui ne le sont plus aujourd'hui. **Libération**, Paris, 2015. Disponível em: <http://www.liberation.fr/monde/2015/01/16/ces-dirigeants-qui-etaient-charlie-dimanche-qui-ne-le-sont-plus-aujourd-hui_1182120>. Acesso em: 16 jan. 2016.

KEPEL, Gilles. Daech escompte des situations

de guerre civile. **Libération**, Paris, 2015. Disponível em:<http://www.liberation.fr/monde/2015/01/14/daech-escompte-des-situations-de-guerre-civile_1180804>. Acesso em: 3 fev. 2015.

KOSIK, Karel. **La dialectique du concret**. Paris: Maspero, 1978.

LE PEN, Jean-Marie. Je ne suis pas Charlie. **Le Figaro**, Paris, 2015. Disponível em:<<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2015/01/10/97001-20150110FILWWW00065-jean-marie-le-pen-je-ne-suis-pas-charlie.php>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

LEFEBVRE, Henri. **Une pensée devenue monde... Faut-il abandonner Marx?** Paris: Fayard, 1980.

LÉNINE, Vladimir I. **Œuvres Choiesies**. Paris : Sociales; Moscou: Progrès, 1973. Tomo 2 - L'État et la révolution.

LHOSA, Mario Vargas. A volta das ideias. **El País**, Madrid, 2015. Disponível em:<<http://brasil.elpais.com/tag/fecha/20150124>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

LORDON, Frédéric. Charlie à tout prix ? **Le Monde Diplomatique**, Paris, 2015. Disponível em:<<http://blog.mondediplo.net/2015-01-13-Charlie-a-tout-prix>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

LÖWY, Michael. A infâmia. **Blog da Boitempo**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:<<http://blogdaboitempo.com.br/charlie-hebdo-especial-blog-da-boitempo/>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

MANIGLIER, Patrice. Zone de turbulences pour la liberté d'expression. **Libération**, Paris, 2015. Disponível em:<http://www.liberation.fr/societe/2015/01/25/zone-de-turbulences-pour-la-liberte-d-expression_1188435>. Acesso em: 2 fev. 2015.

MARX, Karl. **Contribution à la critique de l'économie politique**. Paris: Sociales, 1977.

_____. **Critique de l'État hégélien**. Paris: UGE; 10/18, 1976.

_____. **Critique du Programme de Gotha**. Pequim: Langues Étrangères, 1975.

MILL, John Stuart. **De la liberté**. Paris: Presses Pocket, 1990.

MILLER, Coralie. La France est mon foyer. **Libération**, Paris, 2015. Disponível em:<http://www.liberation.fr/societe/2015/01/22/la-france-est-mon-foyer_1186506>. Acesso em: 2 fev. 2015.

NEGRI, Antonio. Da Charlie Hebdo alla guerra globale. **Dinamo Press**, Roma, 2015. Entrevista Disponível em:<<http://www.dinamopress.it/news/da-charlie-hebdo-alla-guerra-globale-due-domande-a-toni-negri>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

NORTE, Luz de; VINET, Alejandro. L'Union nationale de la bourgeoisie pour avancer contre les travailleurs et le peuple. **Socialisme ou Barbarie**, Paris, 2015. Disponível em:<<http://www.socialismo-o-barbarie.org/?p=4244>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

OBSERVATÓRIO NACIONAL CONTA A ISLAMOFobia. Charlie Hebdo. **L'OBS**, Paris, 2015. Disponível em:<<http://tempsreel.nouvelobs.com/charlie-hebdo/20150123.OBS0609/charlie-hebdo-autant-d-actes-antimusulmans-en-2-semaines-que-pour-tout-2014.html>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

OFFENSTADT, Nicolas. Il n'y a rien de plus dangereux que de renvoyer les gens à leur communauté. **Libération**, Paris, 2015. Entrevista para Jonathan Bouchet-Petersen. Disponível em:<http://www.liberation.fr/politiques/2015/01/09/il-n-y-a-rien-de-plus-dangereux-aujourd-hui-que-de-renvoyer-les-gens-a-leur-communaute_1177338>. Acesso em: 20 jan. 2015.

OGIEN, Ruwen. Que reste-t-il de la liberté d'offenser? **Libération**, Paris, 2015. Disponível em:<http://www.liberation.fr/societe/2015/01/14/que-reste-t-il-de-la-liberte-d-offenser_1179934>. Acesso em: 3 fev. 2015.

RAMPTON, Roberta. Obama defende estratégia dos EUA contra terroristas no Iêmen. **Agência Reuters Brasil**, [S. l.], 2015. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/idBRKBN0KY0WE20150125>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

SALGADO, Natalino. Contra a intolerância. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 2015. Caderno Opinião.

Disponível em: [imirante.globo.com/oestadoma/colunas/coluna3.asp] Acesso em: 18 jan. 2015.

SAND, Shlomo. Je ne suis pas Charlie. **Alencontre**, Genebra, 2015. Disponível em:<<http://alencontre.org/europe/france/je-ne-suis-pas-charlie.html>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Charlie Hebdo: uma reflexão difícil. **Blog da Boitempo**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:<<http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/14/charlie-hebdo-uma-reflexao-dificil/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

SARNEY, José. Je suis Charlie. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 2015. Disponível em:<imirante.globo.com/oestadoma/colunas/coluna3.asp>. Acesso em: 18 jan. 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **L'enfer c'est les autres**. Paris: [s. n.], [19-- ?]. Extrait du CD «Huis clos» et de L'Existentialisme est un humanisme. Disponível em:<http://www.philo5.com/Les%20philosophes%20Textes/Sartre_L'EnferC'EstLesAutres.htm>. Acesso em: 20 jan. 2015.

SCHMITT, Carl. **Le nomos de la terre**. Paris: PUF, 2008.

TROTSKY, Léon. **Terrorismo e comunismo**. Paris: Prométhée, 1980.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. **Traité sur la tolérance**. Paris : [s. n.], [19-- ?]. Disponível em: [http://athena.unige.ch/athena/voltaire/voltaire_traite_tolerance.html%23c25]. Acesso em: 15 jan. 2015.

WEBER, Max. **Economía y sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____. **Le savant et le politique**. Paris: Union Générale d'Éditions, 1963.

WIEVIORKA, Michel. Des décisions prises dans l'urgence sans vision à long terme. **Libération**, Paris, 2015. Entrevista. Disponível em:<http://www.liberation.fr/societe/2015/01/29/des-mesures-prises-dans-l-urgence-sans-vision-a-long-terme_1191691>. Acesso em: 2 fev. 2015.

ŽIŽEK, Slavoj. Pensar o atentado ao Charlie Hebdo. **Blog da Boitempo**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:<<http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/12/zizek-pensar-o-atentado-ao-charlie-hebdo/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

Flávio Bezerra de Farias

Economista

Doutor de Terceiro Ciclo em Economia e Gestão pela Universidade de Amiens e Estado em Economia pela Universidade Paris-Nord

Professor Associado 4 da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: flaviobezerradefarias@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Av. dos Portugueses, 1966 - Bacanga, São Luís/MA
CEP: 65080-805